

TESTE



João Zeferino

YG Acoustics Kipod Studio

Ciência pura ao serviço da Arte!



Há quem defenda que as primeiras impressões são as mais importantes, havendo apenas uma oportunidade para impressionar bem à primeira. Há também quem defenda que todas as impressões subsequentes, por muito boas que sejam, dificilmente apagarão uma primeira má impressão.

Não me recordo exactamente da primeira vez que ouvi falar das YG, mas lembro-me bem das primeiras vezes (no plural), quando começaram a aparecer nas reportagens de *shows* internacionais e nas páginas de publicidade de revistas da especialidade.

Lembro-me muito bem de formar uma opinião apenas por aquilo que lia e via nas revistas e essa não era muito favorável. Principalmente, o epíteto de «melhor coluna do mundo» pareceu-me sempre de um pretensiosismo e de uma arrogância que me causaram alguma repulsa.

Para além do mais, o aspecto industrial e robusto do *design*, o metal frio das caixas, com as suas superfícies angulosas, fizeram-me antever um som demasiado analítico, grande e impetuoso, capaz de agradar ao gosto extrovertido e às salas norte-americanas, mas sem o requinte que pessoalmente espero de um produto de topo.

Entretanto as YG Acoustics chegaram a Portugal e aterraram na Audioelite, pelo que me dispus de imediato a ouvi-las. Bastaram uns minutos de audição de umas Kipod ainda não totalmente rodadas para perceber a enormidade do erro a que o meu preconceito me havia induzido. A forma como reproduziram o timbre de diversos instrumentos, principalmente os de sopro, de uma orquestra a tocar Beethoven provou-me estar na presença de muito mais do que umas meras máquinas de som, mas antes de umas extraordinárias fazedoras de música. Afinal, eu estava enganado, estava redondamente enganado.

Descrição

As Kipod Studio são umas colunas em quatro peças distintas, duas peças por canal. Temos primeiro as monitoras Kipod, umas colunas de duas vias em caixa selada com uma resposta em frequência a partir dos 50 Hz e com umas dimensões de apenas 40 x 17 x 33 cm e que podem ser utilizadas colocadas em suportes apropriados,



funcionando independentemente das unidades de graves ou, em alternativa, em conjunto com qualquer outro *subwoofer*. Contam com um altifalante de médios-graves de 15 cm, de origem Scan-Speak com cone segmentado de longo curso em celulose impregnada com carbono, e com um *tweeter ring-radiator* da Vifa. Ambas as unidades são modificadas de modo a preencherem os estritos requisitos da YG. O *mid-woofer* apresenta uma montagem electromagnética optimizada por forma a minimizar a distorção e alterações de fase. Foi ainda optimizado o fluxo de ar, de modo a minimizar quaisquer perdas mecânicas. Já o *tweeter* é sujeito a profundas alterações na fábrica da YG, de modo a atingir valores de distorção ainda mais baixos do que os exibidos pela unidade de base, conseguindo uma resposta em frequência que se estende para além dos 40 kHz. Outra alteração prende-se com a dimensão da suspensão, que é aumentada de modo a permitir uma dinâmica de nível referencial. O *tweeter* é inserido num *baffle* concebido de forma a proporcionar o alinhamento temporal com a unidade de médios-graves, bem como a fazer corresponder as respectivas características de dispersão acústica, de modo a proporcionar total rigor tímbrico e um palco sonoro amplo e tridimensional.

As monitoras Kipod são complementadas pelo Studio Subwoofer para formarem uma

coluna de banda passante integral. A unidade activa é um Scan-Speak de 22 cm em celulose impregnada de carbono, que forma uma superfície radiante de elevada rigidez e amortecimento interno. Tal como a unidade de médios-graves, também o *woofer* é submetido a um conjunto de modificações especiais, de modo a baixar ao mínimo possível a distorção, desvios de fase e perdas mecânicas, assegurando assim graves limpos, profundos e com a máxima dinâmica. As unidades com os *subwoofers* podem ser activas ou passivas, muito embora a versatilidade conferida pela versão activa leve a que esta seja a escolha natural. Na versão activa, os *subwoofers* são alimentados por amplificadores de Classe A/B com 200 Watt RMS, fabricados sob especificação da YG Acoustics pela prestigiada Hypex Electronics da Holanda. Cada *subwoofer* conta na face traseira com um conjunto de controlos como interruptor *on/off*, volume, fase 0°/180°, volume de igualização, frequência de igualização, frequência do *crossover*, *crossover defeat on/off* e selector de entrada RCA/XLR, que permite o emparelhamento perfeito com as colunas monitoras, bem como uma grande versatilidade na instalação nos mais variados tipos de salas.

O *crossover* é projectado com recurso a um *software* desenvolvido pelo fundador e projectista da YG Acoustics, Yoav Geva, que



reclama para esse algoritmo a faculdade de otimização simultânea dos parâmetros de frequência e fase, ao contrário da maioria dos programas existentes, que apenas permitem a otimização de um ou outro parâmetro. Daqui resulta uma resposta em frequência muito linear, com todos os altifalantes a exibirem um desvio de fase que não excede $\pm 5^\circ$ ao longo da toda a respectiva gama de frequências, resultando numa imagem estéreo excepcional. Os componentes utilizados na elaboração do *crossover* são da mais alta qualidade e incluem condensadores M-Cap Supreme Silver/Oil da Mundorf, indutores de núcleo de ar e resistências MOX (*metal oxide layered resistors*), sob placas de circuito com pistas de cobre de alta pureza e elevada densidade.

As caixas são seladas e realizadas em alumínio de calibre aeronáutico AL6061-T651, com algumas partes críticas a recorrerem a alumínio de calibre balístico. Os painéis são maquinados numa máquina CNC de última geração, que assegura uma elevadíssima precisão de corte e uniões perfeitas entre os diversos painéis. A rigidez e inércia resultantes são de tal ordem elevadas que as caixas não necessitam de qualquer amortecimento interno e asseguram um suporte totalmente inerte

que proporciona um perfeito funcionamento dos altifalantes. Os terminais de coluna são WBT, com opção de um ou dois pares e a cablagem interna é de concepção da van den Hul em exclusivo para a YG Acoustics.

Tecnologicamente as Kipod Studio são um primor, sem uma única falha que possa ser apontada, quer aos aspectos mecânicos quer electrónicos da sua concepção e construção. É importante referir que a YG Acoustics assegura a constante actualização dos produtos; quer seja uma alteração na electrónica até algo mais radical como novos altifalantes, é sempre garantida a possibilidade de *upgrade* das versões existentes para a mais recente especificação; são colunas que não envelhecem. Passemos então aos testes auditivos, a razão última de toda a sofisticação tecnológica por detrás do projecto.

Audições

As YG foram instaladas na minha sala habitual com o leitor digital Audionet ART G2+EPS como fonte, amplificação Mark Levinson 3265/432 e cablagem Nordost Heimdall e Frey nas interligações e Red Down Rev.II nas colunas. Os módulos de graves foram ligados ao prévio com cabo de interligação Crystal Connect da Crystal Cable.

A instalação das Kipod na minha sala e a respectiva interacção sonora foi algo que me preocupou desde o início, uma vez que, por experiência própria, sei o quanto é difícil pôr colunas de banda larga a tocar bem na minha reduzida sala de audições. Recentemente a sala foi alvo de um tratamento acústico que melhorou, e muito, a sua resposta acústica, permitindo que lá sejam instaladas colunas antes impensáveis, contudo, mesmo como o tratamento efectuado, continua a existir um obstáculo insuperável, que são as reduzidas dimensões da sala, que condicionam a capacidade para desenvolver de um modo limpo notas de muito baixa frequência. Como nenhum tratamento pode aumentar a volumetria da sala, há que procurar ajustar as colunas à realidade existente.

Acontece que as Kipod não são umas colunas quaisquer. Antes do mais, pelo projecto que junta umas colunas monitoras de duas vias com um *subwoofer* dedicado, o qual oferece um vasto conjunto de ajustes para todas as situações. Rapidamente encontrei a posição mais apropriada, sensivelmente no mesmo local onde costumam estar as minhas Guarneri Memento, embora com um ângulo bastante mais aberto. Depois foi só encontrar o ponto de corte apropriado e regular o volume dos *subwoofers*, para gozar de um som simultaneamente potente, mas sempre controlado, firme como uma rocha mesmo nas solicitações mais profundas e sempre com uma limpeza e articulação tais que me revelaram, nos dias que se seguiram, sons que eu não fazia ideia existirem em discos que conheço há anos.

É absolutamente espantosa a forma como as Kipod conciliam uma gama média plena de doçura e autoridade, um agudo sedoso e simultaneamente explícito, extenso e extraordinariamente informativo com um grave imponente mas controlado e definido. A conjugação destes factores resulta numa apresentação musical plena de naturalidade, sem quaisquer artifícios extramusicais e com uma fidelidade ao evento musical que até pode causar estranheza quando se ouve a primeira vez.

Um exemplo que me parece revelador. Uma grande parte dos sistemas/colunas de som têm o hábito de, sempre que o naipe de violinos de uma orquestra começa a tocar com maior volume e/ou num registo mais agudo, salta de repente do conjunto total da

orquestra para uma posição frontal como se quisessem assumir uma posição de protagonistas ou solistas. É um efeito tão usual que quase já não damos por ele, muito embora seja totalmente falso, como qualquer ouvinte que assista a concertos ao vivo bem sabe. Com as Kipod, o equilíbrio sonoro e a posição relativa entre os diversos naipes da orquestra mantém-se independentemente das alterações ao volume ou ao registo. Este efeito, ou ausência de efeito, acaba por soar estranho no início, precisamente porque não é habitual, contudo apercebemo-nos com o tempo que é correcto e conforme com aquilo que escutamos na sala de concertos.

Esse equilíbrio ficou bem patente na reprodução do 2.º Concerto para Piano e Orquestra de Rachmaninov, em que é solista Vladimir Ashkenazy, numa excelente gravação da Decca. A orquestração de Rachmaninov é muito densa, o que leva facilmente a orquestra a abafar o piano. Contudo, o equilíbrio conseguido pelo engenheiro de som e a direcção firme de Bernard Haitink seguram a orquestra sempre dentro dos limites e o resultado é uma verdadeira comunhão musical das ideias do compositor, permitindo ao ouvinte perceber as nuances do diálogo que se estabelece entre a orquestra e o piano. Cabe naturalmente ao sistema de som facultar uma reprodução fiel da mensagem contida na gravação, assegurar o respeito pela dinâmica e o equilíbrio entre instrumento solista e orquestra, e neste capítulo as Kipod foram exemplares, ao corporizarem o piano de um modo muito recortado e perfeitamente nítido na minha sala de audições, e revelando a grandiosidade da orquestra que, mesmo nos momentos mais exaltados, foi capaz de crescer de modo a abarcar a imponente dinâmica da obra mas sem afogar o piano, que continuou sempre a poder mostrar o seu contributo com igual clareza.

Uma característica que está sempre presente é a elevadíssima resolução que nos é apresentada de um modo quase discreto, quase recatado, ao ponto de podermos julgar as colunas como tímidas. Mas não, ao fim de algum tempo de audições percebemos tratar-se apenas de uma negação da superficialidade que atinge tantos projectos hoje em dia, em favor de uma apresentação realista, fiel e que coloca a música à frente do som.

As características da gama média melíflua, musculada mas ágil e de resposta pronta e



com uma capacidade resolutiva quase incomparável, aliadas ao grave potente mas recortado e extraordinariamente bem definido, e um registo agudo límpido e de extensão aparentemente sem fim, aliado às notáveis características dinâmicas, imprimem à reprodução musical em geral e às vozes em particular um carácter de credibilidade muito pouco vulgar, seja com o gigantismo sinfónico da 2.ª Sinfonia de Mahler, na qual os solistas e o coro soaram de um modo totalmente credível,

desafogado e sem quaisquer efeitos de compressão, seja com os ritmos mais jazzísticos da Patricia Barber, ou o *rock* dos Pink Floyd, Dire Straits ou Supertramp, que denotam uma sonoridade sempre enérgica, nítida, bem ritmada, como uma batida que convida a puxar pelo volume para desespero dos vizinhos, mas que os seus ouvidos não irão acusar, tal a ausência de efeitos de compressão ou distorção que corrompam o processo de reprodução musical.

TESTE YG Acoustics Kipod Studio



Resposta em frequência: O nível de saída útil estende-se de 20 Hz a mais de 40 kHz.

Crossover: Circuito de topologia patenteada, projectado com recurso a software próprio, com corte na frequência de 1,75 kHz e optimizado individualmente para cada par de colunas pelo projectista Yoav Geva.

Sensibilidade: 86 dB / 2,83 V / 1 m 2π anecoico

Impedância: 8 Ohm nominal, 5 Ohm mín.

Amplificador: Cada módulo de *subwoofer* contém amplificador com 200 Watt RMS.

Dimensões:

Módulo Monitor – 40 x 17 x 33 cm (A x L x C)

Conjunto – 103 x 30 x 43 cm (A x L x C)

Peso:

Módulo monitor – 18 kg cada

Conjunto – 47 kg cada

Preço: 44.000 €

Preço Primare I32: 20.000 €

Representante: Audioelite

Telefone: 21 795 15 01

Conclusão

Yoav Geva reclama para as suas colunas o título de «melhores colunas do mundo». Garante também que as Kipod não são uma versão inferior e simplificada das Anat Reference, mas apenas uma versão de igual valor qualitativo, destinada a salas de menor dimensão onde não são requeridos volumes de som tão elevados quanto as Anat permitem debitar. Na minha sala, foram ouvidas a volumes verdadeiramente elevados, sem acusarem qualquer esforço, nem delas, nem da parte da electrónica, nem dos meus ouvidos, que nunca acusaram o excesso de pressão sonora.

Apenas som, muito, grande, limpo, denso e musculado. De uma transparência clarividente e uma neutralidade exemplar, revelam como poucas o carácter e a qualidade das electrónicas e das gravações com que as alimentam, assumindo-se como uma ferramenta de análise que muitos críticos, incluindo este vosso escriba, gostariam de lhes poder chamar suas. Não sei se serão as melhores do mundo, até porque precisava de conhecer todas as outras para o poder afirmar, posso contudo afirmar que foram as colunas mais completas e mais próximas de oferecer a plenitude musical de um concerto ao vivo que já passaram pela minha sala e pelo meu sistema de som.

Especificações técnicas

Desvio:

±1 dB na banda audível

±5° fase relativa

COMPOSITOR / OBRA	INTÉRPRETES	EDITORA
J. Brahms Ein Deutsches Requiem, Op. 45	Barbara Hendricks – José van Dam Wiener Singverein Wiener Philharmoniker Herbert von Karajan	DG
G. Mahler Sinfonia n.º 3	Orquestra Sinfónica da Rádio de Frankfurt Eliahu Inbal	DENON
Sergei Rachmaninov Concerto p/ Piano e Orq. n.º 2, Op. 18	Vladimir Ashkenazy Orquestra do Concertgebouw Bernard Haitink	DECCA
J. S. Bach Concerto Cravo e Orquestra, BWV 1052	Raphael Alpermann Akademie für Alte Musik	HARMONIA MUNDI
J. Brahms Concerto para Violino e Orquestra em Ré Maior, Op. 77	Anne-Sophie Mutter Orquestra Filarmónica de Berlim Herbert von Karajan	DG
A. Bruckner Sinfonia n.º 9 em Ré menor	Orquestra do Concertgebouw Bernard Haitink	PHILIPS
R. Wagner A Valquíria – 1.º Acto	Peter Hofmann – Matti Salminen Jeannine Altmeyer Orquestra do Festival de Bayreuth Pierre Boulez	PHILIPS
Jazz at the Pawnshop – Limehouse Blues – High Life – Take Five	Arne Domnérus – Bengt Hallberg – Lars Erstrand – Georg Riedel – Egil Johansen	PROPHONE
Dire Straits – Telegraph Road – Private Investigations – Love over Gold	Dire Straits	VERTIGO
John Pizzarelli Sings Richard Rodgers – With a Song in My Heart – She Was Too Good to Me	John Pizzarelli	TELARC
Patricia Barber – Café Blue – Yellow Car – A Taste of Honey – Nardis	Patricia Barber	PREMONITION RECORDS
Pink Floyd Dark Side of the Moon	Pink Floyd	EMI (LP)
Claire Martin – Too Darn Hot – Something's Coming – Black Coffee	Claire Martin	LINN RECORDS (LP)
Michel Camilo Portrait	Michel Camilo	CBS RECORDS (LP)